

meira metade do século XIX, o Rio de Janeiro tinha a maior população escrava da América. Seus visitantes ficaram chocados com a cor "negra" da cidade. Anos de escravidão durante esse período estabeleceram um marco na historiografia. Utilizando documentos inéditos e muita informação, Mary C. Karasch desenvolveu em toda a sua amplitude o assunto, mesmo no ambiente "civilizado" do Império brasileiro. A descrição minuciosa e viva, do que faziam, de como viviam os negros que moravam no Rio de Janeiro, esta obra uma fonte insubstituível de dados sobre o passado e um reflexo permanente.



A vida dos escravos no Rio de Janeiro Mary C. Karasch

Mary C. Karasch

A vida dos escravos no Rio de Janeiro

1808 • 1850



7. Carregadores e propriedade: as funções dos escravos no Rio de Janeiro

Da perspectiva dos senhores de escravos do Rio de Janeiro, havia apenas um papel apropriado para os cativos: realizar todas as atividades manuais e servir de bestas de carga da cidade. Eles eram não somente as máquinas e “cavalos” da capital comercial-burocrática, mas também a fonte da riqueza e do capital de seus donos. Todos tentavam investir em pelo menos um escravo, que forneceria suporte financeiro e mão-de-obra. Os ricos acumulavam tantos “homens-máquinas” quanto possível e punham-nos a trabalhar em diversas profissões. O papel do cativo no ambiente urbano merece um exame detalhado.

Em geral, os escravos cariocas eram forçados a labutar na agricultura e em atividades de subsistência, transporte, manufatura, pedreiras, obras públicas, vendas e serviços e administração. A maioria deles, evidentemente, era empregada em atividades braçais, desprezadas pelos seus senhores. Em cada setor da economia, as ocupações braçais sem especialização ou semi-especializadas eram exercidas pela maioria. Mas a variedade de ocupações braçais *especializadas* abertas então aos escravos é peculiar ao período, e uma minoria deles ocupava posições de responsabilidade em artes e ofícios, ao mesmo tempo em que alguns exerciam cargos de supervisores, capatazes e feitores. Alguns escravos tinham até propriedades, inclusive outros escravos.¹ Porém, essa classificação é imposta sobre as fontes, pois os senhores nem sempre mantinham uma divisão

rígida do trabalho, uma vez que esperavam que seus escravos de ambos os sexos fossem versados em tantas funções quantas lhes fossem exigidas.² Assim, uma escrava podia fazer serviço doméstico, vender comidas e bebidas nas ruas e costurar.

Os escravos também eram úteis aos senhores porque exerciam muitas funções além de trabalhar. Nas manhãs de domingo ou nos passeios de fim de tarde, por exemplo, os donos faziam-nos desfilar pelas ruas da cidade para exibir sua posição social e riqueza. Se um senhor precisasse tomar emprestado dinheiro, os escravos serviriam de garantia; podiam ser vendidos a fim de pagar dívidas ou levantar capital para outros investimentos. Quando a filha do senhor casava, eles podiam servir de dote e ir trabalhar para ela em sua nova casa. Em ocasiões especiais, eram dados de presente para amigos ou parentes do dono, ou a instituições de caridade. Também ganhavam dinheiro para ele, que às vezes os alugava. Com freqüência, os senhores viviam dos proventos de seus escravos ou faziam-nos trabalhar de "negros de ganho", recebendo uma parte do que eles obtinham.³ Além disso, as escravas tinham, às vezes, de servir de parceiras sexuais de seus senhores, na qualidade de concubinas, amantes ou companheiras.

Do seu ponto de vista, os senhores de escravos haviam desenvolvido um sistema ideal no Rio, no qual, em troca de um mínimo de roupas, alimento e abrigo, seus cativos lhes proporcionavam benefícios incalculáveis: riqueza, em termos do que geravam em rendimentos e bens; uma família extensa, em termos das mulheres e filhos que se incorporavam a ela; segurança, em termos de instabilidade monetária e garantias rápidas em emergências econômicas; um pequeno exército para protegê-los nas rixas e conflitos do período; e, por fim, uma rica herança para deixar aos filhos. No Rio daquela época, um senhor com escravos tinha tudo, e quem não os tivesse, era considerado pobre. O preço do privilégio de possuir escravos, está claro, era pago pelos próprios escravos, com trabalho debilitador e morte prematura.

HORTELÕES E CAÇADORES

Antes de 1830, muitas zonas do Rio tinham um baixo nível de urbanização e muitos escravos cariocas trabalhavam em atividades agrícolas e pastoris de subsistência: hortas, plantações para vender produtos na cidade, criação de ani-



mais e caça. Os senhores e seus cativos viviam, na verdade, em chácaras ou tinham hortas em seus quintais. Em consequência, muitos escravos urbanos eram hortelões e caseiros de pequenos sítios e residências suburbanas, ou trabalhadores agrícolas, se as chácaras fossem grandes o suficiente para cultivar produtos comerciais, como laranjas e bananas. Assim, os cativos cuidavam de árvores frutíferas, pés de café, legumes, verduras e flores nas elegantes propriedades localizadas ao longo das estradas de São Cristóvão e Mataporcos e nos subúrbios de Engenho Velho, Glória, Catete e Botafogo. Nas encostas do Corcovado, havia até cafezais. Em alguns casos, plantava-se para o consumo imediato da família e seus escravos; em outros, os cativos vendiam a produção na cidade, para seus donos ou por conta própria.⁴

Outro fator que contribuía para a quantidade de escravos agricultores na cidade era a movimentação freqüente dos senhores rurais entre suas propriedades no campo e suas residências urbanas. Embora os escravos domésticos acompanhassem com muita probabilidade os proprietários rurais em suas visitas ao Rio, os escravos agricultores também eram utilizados para o transporte de provisões. Quando chegavam à capital, esses cativos desempenhavam muitas atividades, tais como carregar mercadorias e cuidar de jardins e hortas.

Por fim, para muitos escravos, plantação e criação eram apenas duas de suas muitas tarefas. Se pertencessem a uma família pobre ou de renda média, tinham responsabilidade exclusiva pelo cuidado do quintal da casa, com horta, pomar e animais, tais como galinhas, porcos e cabras.

Um grupo especial de escravos exercendo esse tipo de atividade estava ligado ao Jardim Botânico, no subúrbio da Lagoa, onde havia plantas exóticas, inclusive chá. Depois do fracasso de uma experiência com trabalhadores chineses na plantação de chá, o governo nacional passou alguns de seus escravos para cuidar do chá e das plantas e árvores raras do Jardim Botânico. Em 1844, havia 72 escravos nacionais empregados no jardim imperial, mas desses, apenas doze a catorze tinham condições de trabalhar, pois os outros eram doentes, menores ou cuidavam de crianças. Quando visitou o Jardim Botânico, Horner teve por guia Antônio, "um negro idoso, sem chapéu e polido", que trabalhava ali desde o tempo de João VI. Quando terminaram a visita, Antônio deu ao grupo um buquê de flores, fez "uma profunda reverência com sua cabeça descoberta" e "despediu-se de nós". Escravos como Antônio mantinham havia muito tempo um lucrativo negócio de venda ilegal de sementes e frutos de plantas e árvores raras do Jardim Botânico.⁵

O cuidado e a alimentação de animais era outra ocupação de tempo integral ou parcial.⁶ Os escravos criavam vacas, ordenhavam-nas, levavam o leite em latas sobre a cabeça ao Rio e o vendiam, ou então conduziam as vacas pelas ruas e ordenhavam-nas na hora, a pedido dos clientes. Cuidavam também de cabras, ovelhas, porcos, galinhas e outras aves. Quando necessário, colhiam ovos e mamentavam os animais. Muitos deles eram também responsáveis pelo cuidado e a alimentação de bois, mulas e cavalos utilizados em transporte. Embora esses animais grandes fossem geralmente mantidos nos arredores ou nas fazendas, havia estrebarias na cidade, onde também se encontravam animais pequenos, como cães e gatos, em todas as casas.

Muitos animais eram caçados por escravos cujos donos os empregavam como caçadores profissionais. Nos arredores da cidade, ainda recobertos por florestas tropicais no início do século XIX, caçadores habilidosos perseguiram e capturavam macacos, tatus, lagartos, aves e animais pequenos. Segundo Debret, os negros das zonas rurais eram treinados desde a adolescência a acompanhar seus senhores e caçar a comida necessária para viagens longas. Alguns levavam o resultado de suas caçadas para vender na cidade às cozinheiras das famílias ricas, que pagavam bem por tatus e lagartos; outros se voltavam para a captura de espécimes para coleções de animais. Esses últimos desapareciam por vezes durante meses nas florestas e só voltavam uma ou duas vezes por ano trazendo suas coleções para o Rio. O Museu Imperial de História Natural mandava escravos a caçar espécimes para sua coleção; um alemão residente na cidade usava alguns de seus escravos para coletar e preparar espécimes de insetos, pássaros e conchas, e dois ou três deles para vendê-los nas ruas a viajantes e naturalistas estrangeiros. Ruschenberger encontrou um desses escravos perto do aqueduto. Era um "mulato alto, ossudo" que usava uma "rede de gaze" para capturar insetos, que prendia então, ainda "se contorcendo e adejando", em seu chapéu de abas largas. Esses escravos e libertos estavam entre os primeiros naturalistas do Brasil e deram uma contribuição importante para a coleção e classificação da flora e da fauna brasileiras no século XIX. Em troca de suas habilidades, alguns desses cativos ganharam sua liberdade de estrangeiros que deixavam o país e continuaram a realizar sua atividade especializada depois de libertos.⁷

Outros escravos procuravam frutos do mar: mariscos, camarões, caranguejos, tartarugas, polvos, tubarões e peixes de muitos tipos. Pescavam na praia com redes, saíam em canoas ou jangadas pela baía, ou acompanhavam seus donos em



embarcações oceânicas que traziam grandes cargas de peixes do mar. Uns poucos chegaram a se unir a baleeiros para caçar os mamíferos gigantes no Atlântico Sul, mas a maioria dos escravos cariocas da indústria baleeira estava nas fábricas de processamento do outro lado da baía, na Praia Grande (atual Niterói). Alguns trabalhavam em depósitos de óleo de baleia no Rio.⁸

Além de caçar e pescar, os escravos também coletavam muitos dos recursos naturais nas cercanias da cidade. Um dos trabalhos de coleta mais perigosos era o de conchas do oceano para a indústria de cal. Uma vez que tinham de trabalhar continuamente dentro d'água, ficavam doentes com frequência.⁹ Outros procuravam capim-de-angola, um tipo de erva que servia de forragem para os animais. Colhiam-no diariamente em estado selvagem ou cultivado e levavam-no para a cidade no lombo de animais, em carretas, barcos ou na cabeça. Vendiam-no então no mercado da praça do Capim, ou de porta em porta. Outros buscavam madeira para fazer o carvão usado nos fogões. As escravas catavam e vendiam arruda e outras ervas, drogas e venenos naturais que encontravam perto da cidade.¹⁰

De um modo geral, os escravos eram muito importantes na produção, na colheita e no transporte de ida e volta de produtos alimentícios para as zonas suburbanas e rurais. Havia agricultura e pecuária comercial, bem como atividades de subsistência no Rio e arredores, e só porque eram urbanos, isso não significa que seus cativos escapassem da labuta dos escravos rurais. De fato, com frequência tinham de fazer o trabalho dos dois, isto é, cuidar de legumes, verduras, frutas e animais, além de realizar os serviços domésticos ao mesmo tempo em que mantinham um emprego externo.

CARREGADORES E ALMOCREVES

Além de alimentos, os escravos carregavam outras coisas e pessoas de um lugar para outro: uma de suas funções mais importantes no Rio era o transporte, às vezes por terra, com frequência por água. Nem mesmo as mulheres escapavam do trabalho de carregar por terra, embora não fossem aparentemente utilizadas como barqueiras. Uma vez que uma lei não escrita decretava que os senhores jamais carregassem alguma coisa, nem caminhassem longas distâncias, em especial as damas da casa, os escravos tinham o fardo e o monopólio de car-

regar bens e gente. Antes da construção das docas, os estrangeiros eram levados para a praia nos ombros de cativos, que vadeavam as águas imundas do porto para depositá-los em terra. Se levavam uma arma, um pacote de cartas ou apenas uma sombrinha, tinham de alugar um escravo para carregar essas coisas, ou arriscar-se à vingança de um carregador por privá-lo de seu trabalho legítimo.¹¹

Os senhores aproveitavam a tradição do ofício de carregador na África e os extraordinários poderes de resistência que certos africanos desenvolviam.¹² Em 1822, Maria Graham estimou que a metade dos carregadores eram africanos recém-importados e que eles carregavam tudo, de sacas de café e sal a pianos, em suas cabeças. Quando transportavam móveis e outras cargas pesadas, trabalhavam em grupos, com um deles servindo de líder. Enquanto caminhavam, o capitão dançava e marcava o tempo com um chocalho ou duas peças de ferro e cantava uma canção africana, acompanhada em coro pelo grupo. O carregador que trabalhava sozinho tocava muitas vezes marimba, enquanto transportava uma carga na cabeça. Como observou Ebel, os escravos carregavam facilmente as pesadas cargas sobre suas cabeças e ficavam mais dispostos ao trabalho quando cantavam sua própria música e seus feitores permitiam que tocassem os tambores para distrair os outros.¹³

Uma dos trabalhos de carregador mais prestigiosos e lucrativos estava no porto e na alfândega, como estivador.¹⁴ Tschudi calculou que em um dia bom, um escravo podia ganhar ali seis ou sete vezes mais do que seu dono exigia e que alguns conseguiam comprar a própria liberdade depois de dois ou três anos. Os viajantes estrangeiros perdiam freqüentemente parte de sua bagagem ao passar pela alfândega; assim, os escravos daquela repartição tinham a oportunidade de "adquirir" coisas valiosas do exterior. Por essa e outras razões, o trabalho de estivador era uma das atividades braçais mais lucrativas e de status mais alto.

Os estivadores tinham três técnicas para descarregar cargas. Alguns, como os que descarregavam carvão de barcaças, transportavam na cabeça. Outro grupo contava com a ajuda de carroças, que eram geralmente apenas plataformas com rodas. Enquanto dois escravos puxavam a carroça por cordas, dois outros empurravam de trás. Em geral, uma pessoa era a proprietária dos seis escravos e da carroça, que funcionavam como um grupo de trabalho. A terceira técnica era o uso de cordas que sustentavam cargas pesadas, como um grande tonel, de varas carregadas por dois a seis escravos. Uma vez que se vestiam ao estilo mi-

litar, os carregadores que utilizavam esse último método eram conhecidos como os “granadeiros da alfândega”.

Outro grupo identificável de carregadores na zona portuária era o dos que transportavam dos armazéns da cidade para a alfândega sacas de mais de setenta quilos de café sobre a cabeça e os ombros. Uma vez que o trabalho era particularmente pesado, apenas os escravos “melhores e mais fortes” eram usados. Elwes descreveu-os:

São bem alimentados, têm aparência gorda e saudável e trabalham alegremente, um cantando uma canção e levando muitas vezes um chocalho e os outros fazendo coro, e sempre andando a trote. O trabalho é muito duro para eles e logo ficam extenuados, mas gostam, pois depois de ganhar uma certa quantia todos os dias, que pagam aos senhores, ficam com o resto.

Um motivo para “gostar” do trabalho era que esses escravos se organizavam em grupos para comprar a liberdade. Depois de fazer um sorteio para determinar quem seria libertado primeiro, trabalhavam pela liberdade de todos, permanecendo juntos até que todos fossem alforriados. O esforço de grupo era necessário para a sobrevivência. Se não obtivessem a liberdade o mais rapidamente possível, o trabalho matava-os ou deixava-os incapacitados. Ewbank calculava que dez anos era o máximo para carregadores de café. Dentro desse período de tempo, geralmente morriam.¹⁵

Outro grupo de carregadores com algum status, distinguidos por suas elegantes librés, eram os que transportavam redes e cadeirinhas.¹⁶ Originalmente, apenas os mais ricos podiam se dar ao luxo de ter liteiras; mas com a chegada da corte portuguesa, a demanda pelo serviço de passageiros estimulou a formação de agências que alugavam escravos para carregar gente. Em geral, um homem livre possuía ou alugava os escravos, que oferecia a quem estivesse disposto a pagar por essa forma de transporte, mas por volta de 1829-1831, empregavam-se libertos nesse negócio, junto com imigrantes pobres dos Açores. Aparentemente, essa forma de serviço de táxi era uma área de emprego nos quais os libertos continuaram a trabalhar como carregadores. Além dos serviços de táxi formais, escravos robustos que queriam ganhar dinheiro extra podiam fazê-lo durante as chuvas pesadas, que tornavam as ruas intransitáveis. Ficavam em esquinas movimentadas e atravessavam a rua com pessoas nos braços por uma pequena quantia.

Os escravos que tinham o status mais alto na profissão de carregador eram os associados aos imperadores, d. João VI e d. Pedro I. Sempre que João VI saía de cadeirinha, era transportado em procissão por doze negros vestidos com libré vermelha, enquanto d. Pedro I era levado até a igreja da Glória nos ombros de “escravos brancos”.¹⁷

O serviço de carregamento mais comum e claramente o de status mais baixo era o de água e dejetos. Uma vez que a maior parte da água potável tinha de vir de fora das casas — de fontes, poços, rios e riachos —, cada família mandava seus escravos em busca do suprimento diário de água, ou alugava outros para buscá-la. Antes da chegada da corte portuguesa, as escravas supriam os lares; mas com o crescimento da demanda por água na cidade, até mesmo os brancos pobres já tinham entrado no negócio por volta de 1819. Porém, eram uma minoria, pois o ofício era dominado por homens africanos, que podiam carregar sobre suas cabeças barris com quinze ou dezesseis galões de água, ou puxar um grande tonel sobre uma carroça. Mas as escravas continuaram a buscar água para famílias pequenas.¹⁸

A repugnante tarefa de carregar o lixo e os dejetos da casa para as praças e praias era geralmente destinada ao único escravo da família ou ao de menor status ou valor. Todas as noites, depois das dez horas, os escravos conhecidos popularmente como “tigres” levavam tubos ou barris de excremento e lixo sobre a cabeça pelas ruas do Rio. Os prisioneiros realizavam esse serviço para as instituições públicas.¹⁹

Enquanto o carreto sobre a cabeça e os “serviços de táxi” ocupavam incontáveis escravos, que serviam de “bestas de carga” da cidade, outros trabalhavam ao lado de animais no transporte de gente e mercadorias. Um grupo de elite de cocheiros, lacaios e tratadores de animais dirigia ou cuidava dos cavalos e mulas que puxavam as seges dos ricos. Esses escravos dirigiam os coches, cavalgavam os animais para dirigi-los ou ficavam atrás deles como lacaios. Eram comuns também os escravos que trabalhavam para os negócios de aluguel de seges, cocheiros escravos e animais. Em 1819, por exemplo, Raimundo Mina foi vendido junto com nove seges, 26 animais e todo o equipamento de um negócio de aluguel de seges.²⁰ Alguns escravos acompanhavam carretas de boi com provisões do campo, ou conduziam animais até o matadouro da cidade.²¹

Devido ao volume de mercadorias transportadas por tropas de mulas entre o Rio e o interior, os escravos eram vitais para o comércio interno. Embora

o líder de uma tropa fosse geralmente um homem livre ou liberto, os condutores eram escravos que caminhavam ao lado das mulas que levavam café ou outros produtos para a cidade e traziam suprimentos agrícolas na volta. Os escravos recém-comprados pelas fazendas seguiam atrás das mulas, com mais cargas sobre as cabeças. Se os seus donos acompanhassem as caravanas, os escravos transportavam-nos em redes penduradas em varas, ou caminhavam ao lado de duas mulas que transportavam o senhor numa rede ou um tipo de cadeirinha encaixotada. Outros caminhavam atrás do dono que seguia a cavalo. Se não se usassem mulas, então a maioria dos escravos, inclusive as mulheres, carregava as provisões para a jornada sobre as cabeças.

Escravos ou mulas serviam para transportar a maioria das coisas e pessoas na cidade e no comércio interno. Exceto no caso de tropas grandes, a maior parte do fardo do transporte dos senhores em viagens curtas à zona rural recaía sobre os escravos urbanos, inclusive mulheres, que no mínimo tinham de carregar os suprimentos e a bagagem para a viagem e, no máximo, o senhor ou um membro de sua família. Devido à escassez de animais de tração no Rio, a maioria dos cativos tinha de realizar algum tipo de carreto. Somente os escravos de alto status dos abastados escapavam de ser uma besta de carga de vez em quando.

BARQUEIROS E MARINHEIROS

Semelhante ao carreto por terra era o transporte de bens e pessoas por água. Canoas, balsas, veleiros pequenos e grandes e barcos a vapor viajavam pela costa, atravessavam a baía de Guanabara e iam até portos longínquos do mundo, inclusive alguns da África. Um ou dois escravos tripulavam as canoas que traziam produtos para vender na cidade, enquanto outros alugavam seus serviços para transportar passageiros ao longo da costa. Alguns impeliam grandes balsas cheias de lenha ou outros objetos pesados. Escravos pescadores saíam com jangadas pela baía. Desse grupo de cativos, parece que a maioria navegava pela baía sem seus donos e gozava de uma existência menos controlada, sem dúvida porque se confiava neles. Infelizmente, essa liberdade não era o quinhão da maioria dos barqueiros e marinheiros, pois trabalhavam sob a supervisão disciplinadora do senhor ou feitor no manejo de escravos e marinheiros das galeras.²²

Os remadores trabalhavam em barcos pequenos ou nos navios sofisticados que transportavam a família real. Os barcos mais comuns eram as faluas, que

não tinham mastro, ou então dois deles, cada um com uma grande vela, de quatro a oito escravos remadores e uma popa coberta para proteger os passageiros do sol. Os escravos trabalhavam em pleno sol, apenas com a proteção de chapéus de palha. O senhor português era geralmente o timoneiro nas faluas maiores, enquanto em barcos menores um escravo ocupava amiúde o posto de capitão. Em geral, os remadores africanos eram todos do dono do barco, embora alguns alugassem escravos. Porém, a maior empregadora de escravos remadores era a família real, que usava galeotas com dez a vinte remos. Quando a princesa Leopoldina chegou ao Brasil, pelo menos cem remadores tripulavam a galeota real. Em 1816, Ellis registrou que os "poucos brasileiros", referindo-se a índios, do Rio eram empregados "em remar a galeota real e alguns outros barcos". Vinte anos depois, porém, Gardner observou que os barqueiros morenos tomados por índios se tratavam, na verdade, de mulatos. Aparentemente, exceções à regra de que a maioria dos remadores era africana.

Conforme alguns viajantes, os escravos que trabalhavam nas galeras e faluas eram os "mais infelizes" do Rio, pois o sol inclemente deixava-os "espumando feito cavalos com a transpiração". Em 1823, Burford descreveu um barco remado por escravos africanos cujos "membros tatuados e nus são uma visão extraordinária para os europeus; eles erguem-se a cada golpe do remo e jogam-se de volta nos assentos e acompanham invariavelmente seu trabalho com alguma canção nacional selvagem". Eles usavam o "canto" para manter o ritmo enquanto remavam. Mesmo depois de 1850, Toussaint-Samson escreveu que os remadores das faluas, então tripuladas por cinco negros, inclusive um chefe que ficava ao timão, ainda se levantavam a cada remada. Porém, o que a deixou impressionada foram suas impassíveis "faces estranhas" que olhavam "para você sem curiosidade ou surpresa".²³ Os remadores podiam aspirar a ser timoneiros das faluas, mas outros escravos foram além disso. Na década de 1840, Ewbank conheceu um escravo moçambique que era piloto de um pequeno vapor na baía de Guanabara e outro cativo da mesma nacionalidade que comandava uma barca.²⁴

Enquanto barqueiros, timoneiros, pescadores, canoeiros e marinheiros, ou apenas como as "máquinas" que impulsionavam as faluas, os escravos eram vitais para o comércio que se fazia por mar entre as cidades costeiras e em torno da baía de Guanabara, em especial até a Praia Grande e ao longo da grande baía até Porto das Estrelas, de onde partiam tropas de mulas para Minas Gerais. Uma vez que era comum alugar remadores e marinheiros para esse comércio costei-

ro, não era raro encontrar escravos alugados trabalhando ao lado de cativos do capitão em navios oceânicos. Outros escravos, mesmo africanos, eram alugados como cozinheiros, marinheiros, taifeiros ou barbeiros-cirurgiões para o tráfico negreiro. Quando os ingleses capturavam esses navios, encontravam invariavelmente escravos alugados a bordo. Como testemunhou um deles, fora forçado a trabalhar no navio negreiro contra sua vontade, porque seu dono o alugara para o capitão.²⁵ Além de trabalhar nesse tipo de embarcação, os escravos tripulavam também os navios que percorriam as costas das Américas. Mahommah G. Baquaqua deixou um relato memorável do tratamento cruel que recebeu quando foi taifeiro de um navio que viajava entre Rio de Janeiro e Santa Catarina e Nova York.²⁶ No início do século XIX, os navios luso-brasileiros levavam sempre escravos e alguns destes viajaram pelo mundo inteiro.

OPERÁRIOS FABRIS E TRABALHADORES EM PEDREIRAS

Tal como os escravos marinheiros e remadores, que não são comumente associados à escravidão brasileira, os cativos operários, artífices e artesãos especializados também têm sido negligenciados nos estudos sobre escravidão, embora somassem um número significativo de trabalhadores no Rio. Havia algumas fábricas grandes na cidade antes de 1850, mas eram poucas e, em larga medida, limitadas a um estaleiro naval, a Fundação de Ipanema, que empregava mais de cem escravos, e a Fábrica Imperial de Pólvora, na Lagoa, também com mais de uma centena de cativos. O resto das fábricas raramente tinha mais de vinte escravos, usados quase exclusivamente no processamento de produtos tropicais, como café, açúcar, cachaça, farinha de mandioca, índigo e fibras vegetais. Outras tinham escravos que trabalhavam na produção de roupas e adornos pessoais, como chapéus, sapatos e tecidos grosseiros de algodão. Uma lista de 1843 de fábricas do Rio revela que eram, em ampla medida, de processamento de alimentos ou matérias-primas. Algumas fundições, estabelecimentos de fogos de artifício e uma fábrica de vidros para janelas eram exceções.²⁷ De um modo geral, somente umas poucas fábricas aproximavam-se do tamanho das americanas ou européias, mas cerca de 228 oficinas pequenas empregavam escravos e trabalhadores livres. A maioria delas produzia charutos, tabaco, velas, chapéus e produtos de metal, enquanto outras faziam telhas, papel, sabão e algodão. Em média,

cada fábrica talvez empregasse de dez a vinte escravos na manufatura de seu produto.²⁸

Parece que as fábricas que mais usavam a mão-de-obra escrava eram as que faziam charutos. Em 1843, havia 62 delas. Em 1860, cerca de 2 mil trabalhadores, a maioria açorianos, estavam envolvidos na produção de charutos. O número de escravos que trabalhavam em cada fábrica só pode ser estimado, mas a do francês J. Bouis utilizava onze. Quando vendeu o negócio e os escravos, tinha mais de 250 mil charutos em estoque. Os cativos que trabalhavam nessas fábricas sofriam evidentemente as piores condições de trabalho da cidade. Já em 1819, os vizinhos da fábrica de charutos de João Baptista Bastos protestavam contra os efeitos maléficos do processo de fumigação sobre a saúde deles; deveria ser ainda pior para os trabalhadores. Em 1831 e 1852 houve novas reclamações sobre o mau tratamento dos escravos nessas fábricas, as doenças incomuns de que sofriam e morriam e suas "terríveis" condições de trabalho. Segundo um jovem doutor, não havia doença típica da profissão de charuteiro; seus operários sofriam de doenças provocadas pelo trabalho forçado em ambientes superlotados e mal ventilados. Porém, o dr. Sigaud identificou uma moléstia específica dos charuteiros. Ele observou que os negros que trabalhavam preparando tabaco de qualidade inferior tendiam a contrair "anginas laringeas", que se complicavam mais tarde com tuberculose ou pneumonia.²⁹

A indústria têxtil pouco se estabeleceu no Rio antes de 1850; a cidade importava tecidos norte-americanos e ingleses. Os esforços do governo para estimular a indústria têxtil nacional foram notavelmente mal sucedidos no começo do século XIX. Ao visitar uma fábrica do ramo em 1822, uma comissão de investigação do governo encontrou-a em estado "deplorável". Embora empregasse dezesseis escravos, a metade deles dedicava-se, na verdade, ao trabalho agrícola para alimentar o resto. Com efeito, o investigador duvidou que a fábrica chegasse a fazer tecido. O que se produzia na cidade antes de 1850 vinha de pequenos teares domésticos. Somente depois da metade do século é que surgiram grandes indústrias têxteis utilizando muitos escravos.³⁰

Embora poucos escravos fossem tecelões, muitos trabalhavam para alfaiates e modistas que faziam roupas com tecidos importados. Para alfaiates, trabalhavam sozinhos ou em grupos. Outros faziam rendas, chapéus e sapatos. A maioria dos artigos de vestuário era feita geralmente em pequenas oficinas e lojas que empregavam poucos escravos.

As fábricas de processamento de alimentos e matérias-primas também tinham um número pequeno de escravos. Quando visitou um moinho de farinha em 1841, Horner viu apenas doze escravos de ambos os sexos, que cuidavam de quatro operações diferentes numa espécie de linha de montagem que ia da mandioca crua à farinha pronta para o mercado. Outros escravos trabalhavam na produção de açúcar e cachaça para venda no Rio. Por algum motivo, os escravos africanos eram os padeiros da cidade, produzindo pão francês em padarias que empregavam de quatro a dezoito cativos. Pelo menos um africano era um exímio fazedor de chocolate aos vinte anos de idade. Cerca de dez a vinte escravos trabalhavam em fábricas de cera e faziam artigos religiosos, velas de cera e sebo e sabão. Produtos de couro, como selas, sacos para sal e objetos de uso na criação de animais eram feitos por pequenos grupos de escravos.³¹

Os matadouros empregavam aparentemente mais de dez a vinte escravos, que matavam os animais e transportavam as carcaças aos açougues. Na década de 1840, a matança era feita perto da praia de Santa Luzia, no centro do Rio. Em 1841, cerca de 150 cabeças foram mortas diariamente e a carne transportada na cabeça dos escravos ou em carretas aos açougues da cidade. Enquanto o artista Debret pintava a cena, Horner capturou-a em palavras: "Se a carne crua pode ser desagradável aos olhos é quando o sangue escorre por seus corpos e mistura-se à transpiração fumegante, provocada por um peso pesado, um sol quente e um esforço extraordinário".

Esse trabalho difícil dava a alguns dos escravos açougueiros a oportunidade de ganhar um pouco de dinheiro por fora. Quando a carne malsã era jogada nas praias, eles a cortavam secretamente e vendiam-na aos pobres e a mulheres negras que tinham restaurantes ao ar livre. Com efeito, um açougue dirigido por um homem negro, na rua de Santa Luzia, negociava abertamente com carne estragada, conhecida como "zumbi". Outro grupo de escravos trabalhava em uma área separada da cidade no abate de porcos. Também eles transportavam as carcaças sobre cabeça e ombros aos açougues que vendiam carne de porco. Os matadouros empregavam, além dos escravos que abatiam o gado, escravas conhecidas como "pretas tripeiras". Elas lavavam os intestinos e preparavam as tripas nas mesmas praias imundas em que a carne ruim era despejada e onde as moscas perseguiam todo mundo.³²

Talvez houvesse condições de trabalho melhores nas pequenas fábricas que empregavam tanoeiros, carpinteiros e metalurgistas. Em 1813, pelo menos de-

zoito escravos pertenciam a uma indústria de barris quando foi vendida." Uma quantidade desconhecida de cativos trabalhava em madeira como marceneiros, carpinteiros, fazedores de móveis e coches, ou em metais, como ferro, estanho, cobre, ouro e prata. A maioria desses escravos especializados não trabalhava em fábricas grandes, mas em oficinas pequenas ou como negros de ganho. As duas exceções eram a Fábrica Imperial de Pólvora e a Fundação de Ipanema, indústrias de propriedade e administração do governo, cada uma delas com mais de cem escravos.

A Fábrica Imperial de Pólvora, localizada ao lado do Jardim Botânico, usava seus escravos não apenas para fazer pólvora, como também para cortar madeira e fazer barris para despachar a pólvora. Por sua vez, esses escravos eram alimentados por outros que criavam gado e plantavam alimentos na fazenda nacional conhecida pelo nome de Velasco, ligada à fábrica. Em 1844, havia pelo menos cem cativos, inclusive crianças, que tinham sido mandados do Piauí para a fábrica. Embora os documentos oficiais não esclareçam se esses cativos compunham a força de trabalho total, a tabela 7.1 ilustra que mais de três quartos dos escravos do Piauí eram do sexo feminino, com apenas oito homens com idade acima de quinze anos.³⁴ Aparentemente, as mulheres faziam o trabalho agrícola, mas será que algumas trabalhavam na fábrica?

Uma grande força de trabalho escrava estava ligada à Fundação de Ipanema. Em 1847 e 1864, relatórios ao ministro da Guerra detalhavam as condições deploráveis dos escravos da fundição. Em particular, o documento de 1847 registra um número "extraordinário" de mortes, a saber, 48 africanos livres, bem

TABELA 7.1
ESCRAVOS DO PIAUÍ NA FÁBRICA IMPERIAL DE PÓLVORA EM 1844

Idade	Homem	Mulher	Idade	Homem	Mulher
1-5	7	3	26-30	4	9
6-10	5	16	31-35	—	8
11-15	1	16	36-40	1	4
16-20	—	10	49	1	—
21-25	2	12	Total	21	78

Fonte: Arquivo Nacional, Cod.572, Armário 4, Livro 8, Papéis da Casa Imperial, Doc. 13, Ofício de João Carlos Parcial enviado ao conselheiro Jerônimo Francisco Coelho a relação dos escravos vindos do Piauí e seus filhos, 1844, fôlios 37-38.

Nota: O total de cem escravos incluía um bebê recém-nascido de sexo desconhecido. Sete das mulheres estavam subordinadas ao Arsenal de guerra.

como “muitos” escravos africanos e brasileiros. Essas mortes se deveram possivelmente à varíola, pois muitos africanos livres chegaram com ela, foram tratados e, nas palavras do funcionário, “recusaram-se” a trabalhar durante muito tempo depois. Os que ficaram vivos eram 137 africanos livres e 105 escravos, dos quais 136 não estavam disponíveis para o trabalho. Assim, apenas 43,8% estavam de fato trabalhando (tabela 7.2). Em 1864, um médico relatou ao ministro da Guerra que os africanos livres e os escravos da fundição ainda eram maltratados. Em particular, ele acusava seus administradores de submeter os africanos livres à escravidão e de forçar meninos pequenos a executar tarefas inadequadas para suas idades. É evidente que as condições de trabalho e vida na fundição não tinham melhorado muito.³⁵

Em resumo, embora muitos escravos trabalhassem nas fábricas da época, poucos estavam submetidos a operações industriais de larga escala, pois a maioria delas empregava menos de vinte cativos no processamento de alimentos e matérias-primas. Exceto no caso das fábricas do governo, a maioria dos operários era aparentemente de africanos que labutavam em locais confinados, sob condições precárias. Evidentemente, o trabalho em fábrica era uma das ocupações de baixo status, pois crioulos e pardos não eram comumente empregados nelas durante o período.

Quem podia também evitava o trabalho nas pedreiras do Rio, nas quais o trabalho pesado sob o sol abrasador levava com freqüência à insolação. Havia al-

TABELA 7.2
 ESCRAVOS DA FUNDIÇÃO DE IPANEMA
 QUE NÃO TRABALHARAM EM 1847

Motivo	Número	%
Doença	4	2,9
Velho Demais e Acima de 50 Anos	14	10,3
Crianças	47	34,6
Fugitivos	52	38,2
Doentes Crônicos	19	14,0
Total	136 ^a	100,0

Fonte: *Anuario Politico, Historico e Estatistico do Brazil, 1846-1847*, 2 vols. (Rio de Janeiro, s. d.), 2:225.

^a Inclui africanos livres.

gumas pedreiras de granito nos morros do Rio e vizinhanças, mas principalmente ao pé do Corcovado e dos morros do Catete e da Glória; ali, os escravos executavam um trabalho semelhante ao das minas. Dinamitavam a pedra, depois cortavam em blocos quadrados e punham-nos em carretas para serem mandados para a cidade, onde seriam usados nas ruas e calçadas, nos alicerces e na construção de casas, fontes e igrejas. Evidentemente, o trabalho nas pedreiras era tão difícil e perigoso que os senhores o consideravam uma punição apropriada para seus escravos mais rebeldes e fugitivos (capítulo 10). Talvez fossem esses os forçados a carregar sobre suas cabeças enormes blocos de pedra morro do Castelo acima. Segundo Ewbank, mais de duzentos escravos eram utilizados numa pedreira próxima de Botafogo.³⁶ Outros escravos, pedreiros, pegavam os blocos de granito bruto e os trabalhavam, dando-lhes formas adequadas a suas finalidades. Devido à quantidade de construções de casas e ruas em andamento no Rio após 1808, havia tal demanda por pedreiros e canteiros que as autoridades municipais tinham dificuldade para alugar escravos suficientes para fazer todo o trabalho dos prédios públicos e ruas. Debret representa vividamente alguns dos exércitos de escravos que pavimentavam as ruas com pedras antes de 1850.³⁷

ACENDEDORES DE LAMPIÃO E VARREDORES DE RUA

Alguns dos canteiros faziam parte do maior grupo de escravos empregados em obras públicas. Esses projetos precisavam do trabalho duro realizado por criminosos acorrentados e africanos livres, enquanto outros exigiam certos níveis de especialização. Em geral, os grupos de trabalho iam de um ou dois laçadores de cães às equipes de escravos que construía e pavimentavam as ruas. Na maioria dos casos, um grupo misto de condenados, escravos sob punição, escravos alugados e africanos livres trabalhava em todos os projetos de obras públicas da época. Eles ergueram prédios do governo, abriram e pavimentaram praças e jardins, construíram docas e canais e aterraram pântanos, entre os muitos melhoramentos urbanos do período.

Um dos trabalhos mais difíceis desse tipo era a construção de estradas que, em alguns casos, compreendia a drenagem de pântanos e a preparação de um leito elevado, precisando de bandos de escravos para mover a terra. Em larga medida, a cidade obtinha sua mão-de-obra para carregar terra e pôr pedras dos



presos acorrentados, cativos alugados e africanos livres. Os escravos alugados eram aparentemente pavimentadores especializados, enquanto outros grupos forneciam a mão-de-obra simples para a remoção de terra e preparação do leito da estrada. Em 1854, pelo menos dez africanos livres estavam trabalhando numa estrada na área do Jardim Botânico, mas muitos outros na mesma situação foram mandados para trabalhar na construção da estrada São Paulo—Mato Grosso, em 1851.³⁸

A prática de alugar escravos para o governo municipal era tão comum que os senhores os alugavam até como acendedores de lampião. Até 1854, quando a cidade passou a utilizar gás, usava-se óleo de baleia para iluminá-la à noite. Quem cuidava dos lampiões era uma “tropa de negros”, um dos quais Debret retratou em ação. Em 1840, o administrador da iluminação pública anunciou no *Diário do Rio de Janeiro* que os senhores desses escravos podiam buscar os salários que a cidade lhes devia. Alguns africanos livres também trabalhavam como acendedores de lampiões. Em 1821, quarenta deles foram os primeiros a ser mandados para o trabalho. Quando a cidade mudou para gás, os africanos livres foram especialmente importantes na construção do novo sistema de iluminação. Eles ajudaram também a construir o sistema dos telégrafos. Depois que ambos os sistemas ficaram prontos, fizeram a manutenção até sua emancipação, na década de 1860.³⁹

Outro serviço público que empregava tanto escravos quanto africanos livres era o dos bombeiros. No início, quando a cidade não tinha um sistema estabelecido de combate aos incêndios e a destruição pelo fogo era comum, os senhores mandavam seus escravos com barris e carretas para apagar os eventuais incêndios. Porém, em 1846 a cidade já dispunha de um carro de bombeiro importado, puxado por escravos, que eram acompanhados por um oficial de uniforme. Sob a direção do oficial, eles combatiam os incêndios. Em 1857, pelo menos sessenta africanos livres trabalharam de bombeiro.⁴⁰

Sempre que a raiva ameaçava a cidade, o governo municipal alugava escravos para a perigosa tarefa de capturar e matar cães vadios e possivelmente infectados. Em 1833, a cidade alugou oito escravos e uma carroça com o objetivo de matar e desembaraçar-se de cães.⁴¹

Um serviço público desagradável realizado por africanos livres era o da limpeza das ruas. Em 1855, pelo menos 55 deles estavam permanentemente destinados a essa função, que parecia ser perigosa para a saúde, pois um médi-

co protestou contra o fato de serem forçados a trabalhar o dia inteiro, especialmente no calor do meio-dia.⁴²

PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS E ARTESÃOS

Os escravos mais peritos do Rio e, com freqüência, os mais bem pagos, eram os profissionais especializados e artesãos. Alugados pelas autoridades municipais que precisavam de seus serviços, faziam parte da elite dos escravos da cidade e estavam na maioria, se não em todas as profissões especializadas. Muitos trabalhavam para seus donos, que também eram artífices peritos, e haviam lhes ensinado a profissão, ou sozinhos, como negros de ganho. Embora os brancos pobres protestassem no início do século XIX contra o treinamento de escravos em atividades especializadas, não conseguiram deter a tendência de treinamento de escravos aprendizes. Petições de brancos que não podiam mais competir com escravos aprendizes e artífices revelam que esses se saíam tão bem nessas profissões que seus donos podiam viver à custa de seus salários. Até mesmo mestres-artesãos deixaram de trabalhar para treinar seus escravos a realizar a tarefa. Em parte, Ewbank explica por que os senhores utilizavam escravos especializados no Rio. Ele relata que os monges carmelitas da igreja da Lapa preferiam treinar seus meninos escravos na cidade a pô-los para trabalhar em sua propriedade rural perto do Rio, pois conseguiam o dobro do lucro que teriam com a agricultura.⁴³

Os anúncios de jornal revelam quão peritos muitos escravos se tornavam. Em geral, os senhores descreviam seus escravos como aprendiz, meio-oficial, oficial e mestre.⁴⁴ Os mais comuns eram os oficiais, aprendizes ou alguma outra indicação de que o escravo ainda estava aprendendo sua profissão. Por exemplo, um menino angolano era descrito como "meio-oficial sapateiro", que sabia cortar e fazer um par de sapatos, recebendo três patacas por semana de salário. Nos anúncios fica evidente também que os donos treinavam seus escravos em uma ou mais especialidades, como o menino africano que estava aprendendo a cozinhar ao mesmo tempo em que recebia treinamento de aprendiz de pedreiro. Cativos como esse menino eram particularmente valiosos para os pequenos senhores de escravos, pois podiam usá-los no serviço doméstico em suas casas e viver com os salários que ganhavam num emprego externo.

À medida que aprendia sua profissão e melhorava suas habilidades, o escravo ficava conhecido como "muito bom oficial" e, por fim, como mestre-artesão. Muitos trabalhavam por salários, uma fatia dos quais tinham de entregar aos seus donos. Segundo Maria Graham, havia tal demanda por libertos e escravos peritos que eles encontravam pleno emprego e bom pagamento. Com efeito, Spix e Martius acreditavam que os escravos do Rio tinham mais oportunidades de entrar nas profissões especializadas do que os trabalhadores europeus, que eram excluídos devido às restrições das guildas na Europa.⁴⁵ Essa observação parece ser corroborada pelos anúncios de jornal até a década de 1840, quando os escravos começaram a perder seu lugar proeminente nesse tipo de trabalho para competidores brancos.

Uma das ocupações mais comuns dos escravos e libertos especializados era a carpintaria, ou, de modo mais geral, todos os ofícios relacionados com a construção, inclusive o de pedreiro. Como observou Horner, a maioria dos construtores era negra, livre ou escravizada. Eles faziam de tudo: cortavam troncos e serravam madeira, colocavam tijolos e telhas, decoravam com entalhes madeiras e terraços, faziam móveis e coches. Porém, Horner achou-os lentos e ineficientes, e, em sua opinião, faziam uma casa na velocidade com que se fazia um bloco de prédios nos Estados Unidos. Eles também consertavam, reformavam e calafetavam navios no porto, trabalhando a US\$1,00 por dia (em 1842) para seu senhor.⁴⁶

Os cativos trabalhavam com todos os metais — ferro, estanho, cobre, ouro e prata.⁴⁷ Escravos ferreiros habilitados alcançavam muitas vezes os preços mais altos e recebiam bons salários. De menor valor eram os funileiros, que faziam lanternas, cornetas, trompetes, ornamentos militares e funis, amplamente usados durante o carnaval. Os caldeireiros eram essenciais na manufatura de panelas, caldeiras e outros objetos usados nas casas e engenhos de açúcar. Quando visitou duas caldeirarias, Ewbank observou que em uma delas todos os catorze operários eram escravos que trabalhavam sob a supervisão de um capataz escravo e do dono português. Na outra, vinte negros faziam todo o trabalho. Só os vendedores eram brancos.

Um dos mais desagradáveis tipos de trabalho em metal que os escravos faziam era a manufatura das algemas, argolas, correntes, máscaras e outros instrumentos de tortura usados nos cativos. Ewbank e Debret descreveram oficinas em que escravos realizavam esse tipo de trabalho. Na verdade, Ewbank foi

recebido por um homem negro que tentou lhe vender algumas correntes. Outros ferreiros faziam objetos mais bonitos: ornamentos, balcões, grelhas, grades, luminárias, artigos domésticos e objetos de ritual utilizados pelos líderes religiosos africanos.

Os escravos manipulavam também metais preciosos como prata e ouro, transformando-os em admiráveis aparelhos de jantar e artigos de joalheria. Até mesmo a viajante altamente crítica Ida Pfeiffer admirou suas obras em ouro e prata. Outros escravos cortavam e davam forma às ametistas, topázios, esmeraldas e diamantes que adornavam os objetos de ouro e prata. Tendo em vista que os escravos, bem como seus senhores, usavam jóias de todo tipo de metal, a demanda por esses símbolos de status dava emprego a muitos artesãos habilidosos.

Os escravos eram importantes também nas profissões especializadas ligadas ao vestuário e aos ornamentos pessoais. Eles faziam todos os artigos do vestuário, desde chapéus, fossem simples chapéus de sol, feitos com fibras naturais, ou os elegantes, de estilo imperial, preferidos por seus senhores, a tamancos, sapatos e cintos de couro, luvas e trajas completos.⁴⁸ Graças às demandas de uma capital imperial, escravos alfaiates e costureiras tinham muito trabalho. No início do século XIX, alfaiates europeus haviam monopolizado a profissão e usavam os escravos apenas para carregar seu equipamento quando visitavam os clientes; mas à medida que a demanda crescia, passaram a utilizar os cativos no trabalho especializado de fazer ternos. Na rua dos alfaiates, escravos negros e mulatos sentavam-se em bancos diante de cada porta trabalhando com a agulha. O trabalho devia ser intenso, pois deformava os dedos a ponto de tornar facilmente identificável um escravo fugitivo que trabalhara para um alfaiate — e muitos escravos de alfaiates apareciam nos anúncios de fuga. Por outro lado, alfaiates habilidosos que ganhassem salários tinham oportunidade de comprar sua liberdade. Um africano, que fora importado como escravo por volta de 1820, exercia a profissão de alfaiate trinta anos depois. Ele comprara sua liberdade “com salários ganhos com horas extras de trabalho”. Em 1851, pediu ao consulado britânico proteção para o transporte dele e de “um grande número de conterrâneos para Ambriz [Angola], declarando que havia mais quinhentos africanos livres similarmente situados desejosos de retornar à África”.⁴⁹

Enquanto os homens confeccionavam roupas masculinas, escravas e libertas costuravam vestidos e faziam renda nas famílias e modistas do período. Com muita freqüência, trabalhavam na loja de uma modista francesa. As escravas eram

utilizadas também para fazer as flores ornamentais e jóias em formato de inseto usadas pelas cariocas. Pelo menos uma escrava fazia pentes de tartaruga.⁵⁰

Outra profissão em que os escravos tomaram o lugar dos brancos no começo do século XIX foi a fabricação de sapatos. Antes de 1813, muitas famílias brancas pobres ganhavam a vida fabricando e vendendo sapatos, mas naquele ano, 101 membros da irmandade e guilda dos sapateiros protestaram contra o crescente uso de mão-de-obra escrava na manufatura e venda de sapatos. Em 1821, essa prática já se tornara tão prejudicial aos brancos pobres que eles protestaram novamente, mas foram ignorados. Segundo Debret, os escravos dos sapateiros alemães e franceses eram tão peritos quanto seus donos, embora não conseguisse explicar por que havia tantos sapateiros no Rio, pois cinco sextos da população andavam descalços.⁵¹

Uma profissão incomum do século XIX em que os escravos e libertos tinham importância era a de barbeiro-cirurgião. Nas palavras de Debret, o homem que cortava barbas e cabelos era “quase sempre” negro, ou, pelo menos, mulato. A barbearia que Debret pintou pertencia a dois libertos vigorosos que haviam comprado a liberdade. Porém, para ser barbeiro como esses libertos era preciso uma série de habilidades além de cortar e pentear cabelos, pois trabalhavam também como cirurgiões, sangradores, dentistas e músicos, tocando violino ou clarinete para seus clientes. Em 1820, o escravo Vicente requisitou uma licença para ser sangrador e dentista. De início, houve alguma relutância oficial para licenciá-lo porque era escravo, mas decidiu-se admitir o requerente e outros escravos porque havia uma escassez de homens livres na profissão e o bem público exigia que homens peritos assumissem o ofício, mesmo que fossem escravos.⁵²

Uma vez que os barbeiros eram também sangradores, usando sanguessugas para extrair sangue, esperava-se que tratassem de doenças e até realizassem pequenas cirurgias. Devido à falta de médicos na época, eles eram frequentemente o único recurso dos pobres e escravizados. Barbeiros-cirurgiões negros ofereciam também o único serviço médico que os africanos recebiam a bordo de navios negreiros, pois os “cirurgiões” que iam e vinham da África eram amiúde barbeiros-cirurgiões escravos, forçados a trabalhar no tráfico africano por senhores que os alugavam ou vendiam aos capitães dos navios.⁵³

Além dos afortunados barbeiros que eram donos ou alugavam suas próprias barbearias, havia barbeiros ambulantes que andavam pelas ruas e ofereciam seus

serviços nas praças. Carregando o equipamento consigo, alguns praticavam suas artes médicas e curativas, enquanto outros cortavam os cabelos de ambos os sexos, muitas vezes em estilos africanos, e raspavam barbas. Enquanto negros de ganho, ganhavam a vida trabalhando entre os escravos, libertos e brancos pobres, que evidentemente pagavam muito menos por seus serviços do que pagariam numa barbearia.⁵⁴

Os escravos e libertos exerciam também especialidades médicas mais tradicionais, como parteiras, curandeiros e enfermeiras. Misturavam frequentemente tratamentos africanos com costumes medicinais portugueses. Naquela época, as francesas eram as parteiras dos ricos, mas as mulheres negras também se destacavam nessa atividade. Aplicando costumes africanos com frequência, representavam amiúde a única fonte de cuidado médico das mulheres. Algumas parteiras trabalhavam também como curandeiras e enfermeiras e eram famosas por sua habilidade no uso de ervas medicinais. Em 1821, uma mulher mina foi anunciada no jornal como sendo enfermeira com prática no tratamento de escravos. Para muitas escravas africanas, ser uma enfermeira ou parteira perita era uma ocupação importante e prestigiosa que lhes dava “o respeito e a consideração de todos”.⁵⁵

Os escravos também trabalhavam como curandeiros e enfermeiros. Na qualidade de líderes religiosos africanos, conhecidos como feiticeiros pelos brasileiros, eram muitas vezes o último recurso de escravos e senhores que não encontravam cura com médicos europeus. Graças aos seus dotes de cura, os “doutores” negros eram procurados por todos os grupos da cidade. Os escravos que exerciam a profissão mais europeia de enfermeiro eram treinados pelos hospitais em todos os aspectos dos cuidados hospitalares. A maior e mais importante empregadora de enfermeiros escravos era a Santa Casa da Misericórdia, que recebia com frequência doações de escravos que treinava em cuidados médicos, enquanto em outros casos protegia cativos ou libertos de donos violentos, em troca de seus serviços no hospital.⁵⁶

Quando todos os cuidados médicos fracassavam e os pacientes morriam, os escravos cuidavam da maior parte dos serviços fúnebres. Eram empregados como coveiros por igrejas e agentes funerários e acompanhavam os caixões pelas ruas da cidade, preenchendo a posição de pranteadores profissionais. Apelidados de “corvos” pelos outros negros, vestiam-se de luto europeu, todos de preto. Em 1841, Horner observou um carro fúnebre puxado por cavalos, con-



duzido por um homem negro e acompanhado por seis negros e mulatos que caminhavam e levavam velas. De início, achou que o corpo era também de um negro, até vê-lo ser enterrado no cemitério da igreja do Carmo, onde os brancos eram sepultados. Em funerais mais simples, escravos carregavam o corpo em uma rede pendurada em uma vara até a sepultura cavada por eles ou outros escravos.⁵⁷

MÚSICOS E ARTISTAS

A lista de atividades e profissões especializadas que os escravos e libertos exerciam nos primórdios do século XIX era surpreendente para os estrangeiros que chegavam com preconceitos estereotipados de que os escravos eram lavradores preguiçosos. O que também os impressionava é que os escravos africanos eram músicos, pintores e escultores habilidosos e que os artistas de renome não eram brancos, mas negros ou mulatos. Era comum que trabalhassem diariamente como exigiam seus donos e usassem seus talentos artísticos para ganhar um dinheiro extra. Maria Graham conheceu um cativo desses, cujo emprego regular era vender frutas para seu senhor, mas que depois de fazer as vendas do dia ganhava mais dinheiro dançando, cantando e contando histórias nas ruas. Debret representa cativos tocando instrumentos africanos para grupos de escravos reunidos em torno de fontes públicas.⁵⁸ Embora a maioria deles pudesse desenvolver esse tipo de atividade apenas durante uma parte do dia, a minoria conseguia exclusivamente pintar, esculpir ou tocar música, em benefício de seus donos.

Alguns escravos tocavam instrumentos europeus como profissão. A maior empregadora de músicos escravos era a família real; em 1816, uma "orquestra" de pelo menos 57 escravos apresentava-se em ocasiões especiais. Segundo Spix e Martius, que os ouviram, tocavam música instrumental e vocal com habilidade para uma platéia branca. Contribuíam também com seus talentos para as celebrações em estilo africano da Nossa Senhora do Rosário, na igreja de mesmo nome, onde escravos e libertos dançavam ao som de sua música. Não há dúvida de que essa orquestra tocou algumas das composições do principal compositor mulato da época, José Maurício Nunes Garcia (1767-1830).⁵⁹

Em feriados religiosos especiais, ou sempre que as procissões pedissem uma banda pequena, músicos negros e mulatos, que eram amiúde barbeiros,

participavam. Ewbank e Dabadie observaram bandas de negros tocando trompas, flautas, clarinetes e tambores. Sempre que um padre levava a extrema-unção para um homem agonizante, uma banda de negros acompanhava-o em procissão. Participavam também de atividades seculares. Em 1822, Maria Graham calculou que um terço da orquestra da ópera era de mulatos. Se eram escravos ou não, ela não diz. Na mesma época, um mulato chamado Joaquim Manoel era muito requisitado pelos ricos graças a sua habilidade no violão. Diz-se também que ele foi o inventor do cavaquinho, instrumento semelhante à viola, mas com quatro cordas.⁶⁰

Por outro lado, atores mulatos que se apresentavam no teatro não ganhavam o mesmo respeito que os músicos. Quando os viu representar *Guilherme Tell*, de Schiller, Seidler foi bastante crítico e os ridicularizou.⁶¹

Os escravos que pintavam e esculpiam eram geralmente empregados na decoração de prédios públicos, igrejas e residências. De acordo com Ewbank, escravos e negros livres faziam esculturas em pedra e imagens de santos em madeira. Ele conheceu um velho africano que fora um “excelente” escultor. Na igreja da Lampadosa, Ewbank viu uma escultura de um Cristo morto feita no século XVIII por um escravo chamado Fulah. Outras obras duradouras de artistas escravos coloniais estavam à vista em toda a cidade, em especial nas igrejas; mas no século XIX, o emprego mais comum de escravos escultores e pintores era na execução de imagens de santos, ornamentos, decorações, cenários de teatro, plataformas e tudo o que era necessário nas procissões com que os cariocas celebravam os dias santos. Os escravos também arranjavam e disparavam os fogos de artifício que acompanhavam as celebrações.

Artistas escravos pintavam as residências dos abastados. Luccock conheceu um dos mais talentosos desses artistas, um fugitivo que tinha escapado de navio para a Inglaterra. Enquanto viveu lá, ganhou a vida pintando cadeiras, mas depois de seis meses cansou-se “da Inglaterra e da liberdade” e voltou ao Brasil. Naquela ocasião, estava em construção a nova casa de seu senhor e ele estava fazendo uma das suas salas, que Luccock admirou por ser “acabada e adornada em estilo superior”.⁶²

Além de pintarem imagens de santos e trabalharem em todas as artes decorativas (ver capítulo 8), os escravos eram empregados até mesmo na difícil arte da litografia e impressão. Ewbank visitou Heaton e Rensburg, o maior estabelecimento litográfico do Brasil, e observou que todos os impressores eram

“servos africanos” que ganhavam consideravelmente menos que seus equivalentes americanos pelo mesmo trabalho. O famoso escritor mulato Machado de Assis foi tipógrafo.⁶³ Uma das artes mais incomuns praticadas por escravos no Rio era a de fazer flores decorativas com plumas de aves. Os artesãos eram meninas de “todas as cores de pele” e uma francesa era uma das maiores empregadoras, em 1848.⁶⁴

Essa profissão peculiar ilustra que os senhores de escravos do Rio utilizavam seus cativos numa variedade extraordinária de ocupações manuais especializadas ou não, de diferentes setores da economia. Eles eram impressores, litógrafos, pintores, escultores, músicos de orquestra, enfermeiros, parteiras, barbeiros-cirurgiões, costureiras, alfaiates, ourives, açougueiros, padeiros, marinheiros, pilotos de navio, cocheiros, estivadores, pescadores, caçadores, naturalistas e hortelões, para nomear apenas algumas profissões. Embora a função da maioria desses escravos especializados fosse a de fornecer a maior parte da mão-de-obra da cidade, se não toda, eles ainda tinham outras funções a desempenhar, muitas vezes em combinação com uma ou mais ocupações manuais. Essas funções eram cumpridas em larga medida dentro da categoria semi-especializada de vendas e serviços, em que as escravas eram muito importantes.

Em particular, a categoria serviços esclarece muitas das funções e papéis das escravas no Rio daquela época. Enquanto os homens eram largamente utilizados na tradição dos sistemas escravistas ocidentais, as mulheres desempenhavam uma função bem diferente, mais semelhante à tradição africana de escravidão, na qual serviam para aumentar a linhagem enquanto concubinas e esposas.⁶⁵ Com efeito, os africanos libertos que compravam escravas africanas estavam indiscutivelmente perpetuando uma forma africana de escravidão no Rio. Porém, a maioria dos homens livres utilizava as escravas não como esposas legais, mas antes como prostitutas, amantes, concubinas ou companheiras. Assim, muitas delas serviam para fornecer famílias temporárias aos homens solteiros da cidade e parceiras sexuais adicionais para os casados. No entanto, tal como os escravos do sexo masculino, elas tinham de desempenhar múltiplas funções. Usava-se também sua mão-de-obra, geralmente no serviço doméstico, mas ainda para ganhar dinheiro como vendedoras de rua, cozinheiras ou amas-de-leite de aluguel. No caso das escravas, o serviço doméstico e a venda nas ruas eram amiúde realizados pela mesma pessoa, pois estavam intimamente relacionados, uma vez que a boa cozinheira mascateava produtos de suas habilidades culinárias a fim

de ganhar um dinheiro extra para ela ou seu dono. É importante lembrar, porém, que os escravos do sexo masculino também trabalhavam no serviço doméstico e em vendas.

VENDEDORES AMBULANTES E CRIADOS

A venda de qualquer coisa de porta em porta era uma atividade constante dos escravos de todas as idades e de ambos os sexos. Era feita em tempo parcial ou integral. Escravos ambiciosos usavam seu tempo livre de domingos, feriados ou as noites para vender alimentos ou objetos que haviam feito, comprado ou roubado. Os que obtinham sucesso na venda ambulante de tempo parcial transferiam então seus talentos para uma atividade de tempo integral, com a permissão de seus donos. Outros, porém, pertenciam a senhores que tinham algo a vender ou queriam viver do rendimento de seus escravos enquanto negros de ganho. Esse padrão cresceu evidentemente ao longo da primeira metade do século XIX, a ponto de os estrangeiros se queixarem do grande número de vendedores de rua ansiosos que os cercavam tentando vender seus produtos, pois se não conseguissem ganhar a quantia estipulada por seus donos para aquele dia seriam espancados.

Porém, no início do período, o padrão era o imigrante português vender de porta em porta. Enquanto ele fazia as transações, seu escravo servia apenas de carregador. Essa prática continuou para pratarias e sedas finas, mas para quase todo o resto, os escravos assumiram a profissão de vendedores ambulantes na primeira metade do século XIX. Os senhores passaram a preferir comprar e treinar novos africanos na arte de vender, em vez de servirem simplesmente de carregadores. Quando os brancos voltaram ao negócio da venda ambulante, o termo "negro de ganho" estava tão associado à ocupação que imigrantes espanhóis e italianos solicitaram licenças de "negro de ganho".⁶⁶

Ao contrário das outras ocupações dos escravos, ainda subsiste uma documentação considerável sobre os vendedores ambulantes, porque tinham de solicitar licenças municipais. Além disso, fascinavam os viajantes que pintavam freqüentemente seus trajes originais. As licenças revelam que eles eram, em sua maioria, africanos do sexo masculino, um fato que contradiz as descrições dos observadores estrangeiros, que enfatizavam a presença de mulheres africanas.

minas em particular, como vendedoras ambulantes. O motivo dessa discrepância é que os homens trabalhavam em tempo integral como profissionais licenciados, enquanto muitas mulheres não tinham licença porque eram escravas domésticas, que vendiam alimentos em tempo parcial. Como observou Debret, as mulheres que vendiam um tipo de palito-francês para seus donos trabalhavam das seis às dez da manhã nas ruas, retornavam para servir seus donos até às duas — sem dúvida para preparar a principal refeição do dia — e depois voltavam às ruas até às seis da tarde, um mínimo de doze horas de trabalho por dia. Uma outra alternativa era trabalhar para seus senhores durante todo o dia e depois vender suas comidas ou objetos nas esquinas, sob a luz de lamparinas.⁶⁷

A única limitação à venda nas ruas era o tamanho da mercadoria: o que pudesse ser carregado ou levado de porta em porta era oferecido. Carregando em cestas, bandejas de madeira ou caixas sobre as cabeças, escravos de ambos os sexos apregoavam de tudo: artigos de vestuário, romances e livros, chaleiras e bules, utensílios de cozinha, cestas e esteiras, velas, poções do amor, estatuetas de santos, ervas e flores, pássaros e outros animais, escravos e jóias. Alguns escravos especializavam-se em determinado artigo porque eram empregados pela pessoa que as fazia; por exemplo, o escravo que trabalhava para um fabricante de velas vendia velas. Mas era comum também um escravo vender uma variedade de produtos. Até mesmo cativos cegos, doentes e inválidos eram mandados às ruas para mendigar dinheiro para seus donos.⁶⁸

Uma das mais importantes operações dos ambulantes era a venda de todos os tipos de alimentos, frescos ou preparados. Frutas e verduras, aves e ovos, carne de gado e peixe, pastéis e doces eram carregados pelas ruas ou vendidos em pequenos mercados. Em particular, o negócio de comida, exceto a carne e o peixe vendidos por homens, parece ter sido uma especialidade das mulheres africanas e baianas. Quando observou as filas de escravos trazendo legumes e verduras para a cidade, Horner notou que as mulheres eram mais numerosas que os homens. Outra especialidade delas era a venda de quitutes, como guisados com azeite-de-dendê, peixe frito, carne-seca grelhada, balas e doces e refrescos. Mascateavam de porta em porta e vendiam em restaurantes ao ar livre montados nos mercados, ou perto deles.

Outros escravos vendiam frutas e verduras, grãos e farináceos em bancas de feiras. Embora trabalhassem nas feiras tanto homens quanto mulheres, a impressão geral era que as bancas em que se vendiam os produtos eram de mulhe-

res africanas. Chamberlain, que também visitou uma das feiras, escreveu que negros livres vendiam galinhas, frutas e verduras nas feiras montadas em toda a cidade. Tendo em vista que tantos donos de bancas eram pessoas livres, talvez tivessem sido escravos vendedores ambulantes que haviam comprado uma banca e a liberdade.⁶⁹

Outro comércio de rua a que às vezes as escravas se dedicavam em tempo parcial ou integral era a prostituição.⁷⁰ Os viajantes, de Schlichthorst a Tousseint-Samson, relataram que as mulheres negras que eram vendedoras de rua ou escravas domésticas durante o dia com frequência ganhavam dinheiro extra por sua conta à noite. Assim, muitas prostitutas eram representadas como libertas. Embora algumas escravas se prostituíssem de bom grado para ganhar dinheiro, havia senhores que forçavam suas cativas mais atraentes à prostituição, agenciando-as ou obrigando-as a trabalhar na rua "ao ganho". Segundo o doutor Lassance Cunha, em 1845, a prostituição era praticada quase exclusivamente por escravas.

Jovens mulatas escravas que os donos anunciavam nos jornais para trabalho doméstico na casa de cavalheiros solteiros poderiam ter de servir também de amantes. Além de cuidar da casa e fazer a comida do seu dono, essa mulher poderia também ser mandada para as ruas a fim de vender quitutes ou obter um emprego externo. Os escravos domésticos de famílias de baixa ou média renda realizavam todas as tarefas domésticas, bem como exerciam ocupações externas. Ademais, exceto em poucos casos, escravos de ambos os sexos faziam o serviço doméstico. Devido à escassez de escravas, os senhores treinavam os meninos para serem criados que dessem conta de quase todos os serviços de uma escrava.⁷¹

Nas grandes famílias, no entanto, havia especialização da mão-de-obra. A elite das escravas eram as criadas pessoais ricamente vestidas dos abastados, conhecidas como mucamas (ou mucambas).⁷² De ancestralidade não raro mista, a mucama era com frequência meia-irmã, filha ou concubina de seu senhor, ou era aparentada da família de alguma outra maneira. Em muitos lares, especialmente se seu senhor não fosse casado, ela servia de governanta ou supervisora encarregada dos outros escravos. Nesse caso, devia muitas vezes sua posição ao fato de ser sua amante ou companheira. Em outros casos, a mucama era a ama-de-leite dos filhos do senhor; em muitas casas, não só amamentavam os filhos, como os criavam. Se o senhor não tivesse uma ama-de-leite entre suas escravas na época do nascimento do filho, alugava uma delas por meio de anúncios de

jornal ou de uma agência de aluguel. Como observou Schlichthorst, todas as jovens escravas tinham leite para dois filhos, o seu próprio e um branco.⁷³

Na hierarquia dos escravos de uma família grande, depois das mucamas, governantas e amas vinham os filhos escravos do senhor. Uma vez que reconheciam freqüentemente seus filhos de escravas, os senhores do Rio mantinham-nos dentro do lar e davam-lhes ocupações de mais importância social.⁷⁴ Eram criados em comum com os filhos legítimos da casa, fazendo-lhes companhia nas brincadeiras ou cuidando deles como babás. À medida que cresciam, as meninas eram treinadas para serem mucamas, e os meninos, para pajens ou criados pessoais.

Os escravos do sexo masculino de famílias ricas trabalhavam de cocheiros, lacaios de libré, cavaleiros e carregadores de cadeirinha. Seus uniformes elaborados já os distinguiam dos outros escravos. Como explicou Ruschenberger, “as botas de cano alto com solas e saltos grossos, adornadas com esporas chapeadas, o chapéu de couro envernizado e roseta alta distinguem o caleceiro de todos os outros tipos de criados da cidade”. Segundo Walsh, os escravos privilegiados que trabalhavam de cocheiros eram “geralmente mulatos”.⁷⁵

Outros escravos domésticos especializados de ambos os sexos eram os cozinheiros e compradores. Ao longo do período, havia grande demanda por cozinheiros e chefes de cozinha capazes, que recebiam bons salários se fossem alugados em tempo parcial ou integral. Dando assistência ao cozinheiro estava o comprador, um escravo particularmente de confiança, que era mandado com dinheiro aos mercados para comprar alimentos e produtos necessários ao lar. Depois de oito anos de serviço, o escravo cabinda possuído por Marrocos tinha ascendido à posição de comprador e merecia sua “estima”.⁷⁶

Havia uma demanda especial pelas criadas que faziam e lavavam roupas. De um modo geral, as mulheres da casa costuravam o que era preciso em casa, e a maioria das escravas deveria fazer alguma costura sob a supervisão de sua dona. Quando os tecidos importados ficavam de acesso mais difícil, as mulheres também fiavam algodão, que Luccock notou ser atividade geralmente feita por mulheres de cor usando roca e fuso. Ele observou também que as mulheres negras não eram tão peritas quanto as das províncias do Norte. As mulheres de cor também faziam renda. Embora, as escravas fizessem, em geral, apenas costuras simples, algumas se tornavam costureiras habilidosas e ganhavam dinheiro suficiente para comprar sua liberdade e sustentar-se depois. Como libertas, procu-

ravam trabalho numa loja ou oficina de uma modista francesa. Debret notou que elas faziam um belo trabalho no estilo francês.⁷⁷

Muitas casas tinham pelo menos um escravo, alugado ou próprio, para lavar, engomar e passar. Nas famílias ricas, escravos ou escravas especializavam-se em uma dessas atividades, trabalhando sob a supervisão da mucama. As roupas eram lavadas em pelo menos três diferentes áreas da cidade. Uma das mais centrais era o grande tanque de lavar ao pé do aqueduto, no largo da Carioca. Numerosos escravos e escravas lavavam roupas ali, batendo-as nos muros próximos e estendendo-as no chão para secar. Outros usavam a fonte do campo de Santana, principal local de lavagem de roupas do Rio. Em média, duzentos homens e mulheres esfregavam roupas em grandes tigelas de madeira, sentados em cima de barris de água. Depois, estendiam a roupa na relva para secar. Um terceiro lugar importante dessa atividade era o encantador vale das Laranjeiras. Os escravos que ali lavavam roupas também o faziam em troca de pagamento. Talvez essa fosse a região em que alguns senhores que alugavam chácaras perto do Rio empregassem suas mulheres negras como lavadeiras.⁷⁸

No extremo inferior da hierarquia dos criados domésticos estavam aqueles designados para as tarefas mais subalternas, como limpar, carregar água, servir à mesa, auxiliar na cozinha e despejar lixo. Esses eram os menos especializados, como os novos africanos, crianças ou escravos idosos e enfermos, que não tivessem uma relação especial com seu senhor.⁷⁹ Com frequência, tinham de disputar lugar nos corredores para dormir e catar comida para sobreviver. Contudo, mesmo numa dessas posições menos privilegiadas, especialmente em famílias ricas, o escravo doméstico estava provavelmente em situação melhor que os outros. Como observou "A. P. D. G.", os que eram vendidos para ser criados na cidade tinham um "quinhão mais afortunado", e Debret acreditava que ninguém era mais feliz do que o escravo de uma casa rica. Como se queixava o brasileiro Burlamaqui, os senhores abastados gastavam frequentemente mais em roupas para seus escravos do que estes poderiam obter como proventos.⁸⁰ Além disso, tendiam a receber uma alimentação melhor. Luccock achava que eles tinham "uma aparência mais limpa e saudável e pareciam mais alegres e felizes". Se um senhor rico tinha muitos escravos, a carga de trabalho de cada um deles era consideravelmente aliviada quando executavam apenas suas especialidades. Por outro lado, muitos escravos domésticos, em especial os de baixo status, sofriam com o confinamento e a reclusão impostos às mulheres brasileiras e não tinham



liberdade pessoal para andar pelas ruas da cidade.⁸¹ Ser um escravo doméstico não era por si só garantia de melhores condições de vida e tratamento. A proximidade do dono podia significar maus-tratos, tanto quanto boas oportunidades.

SUPERVISORES E DONOS DE PROPRIEDADE

A hierarquia que existia dentro das grandes residências levava com frequência os senhores a usar seus escravos de maior confiança para supervisionar o trabalho dos outros escravos. O levantamento prévio de ocupações sugeriu algumas das variadas formas pelas quais escravos administravam outros escravos. Nas zonas suburbanas, alguns trabalhavam de capatazes e feitores de chácaras ou dirigiam grupos de lavradores em grandes fazendas. Outros comandavam os grupos de trabalho de escravos na cidade, como os líderes dos carregadores de café e estivadores no porto. Na baía, os timoneiros dirigiam os remadores em pequenos barcos a vela. Até mesmo dentro das casas as mucamas e governantas supervisionavam o trabalho dos escravos domésticos. Assim, muitos cativos cariocas não trabalhavam para um capataz branco ou seus donos, mas para outros escravos, até mesmo africanos que davam ordens em suas próprias línguas maternas.⁸²

Os escravos que ocupavam essas posições de supervisão com perícia e responsabilidade eram muitas vezes recompensados pela fidelidade no serviço. Seus donos permitiam que adquirissem propriedade para uso próprio, inclusive terras e outros escravos, e até mesmo a liberdade, comprando-se a si mesmos. Essas pessoas libertas continuavam muitas vezes numa relação de clientela com seus ex-donos; dessa forma, o fato de um cativo ser dono de si mesmo ou de outros cativos não ameaçava o senhor de escravos carioca. Ao contrário, o sucesso do cativo tendia a aumentar o status e a posição social do senhor, pois o controle de pessoas era uma função altamente respeitada pela sociedade.

Uma vez que a posse de escravos era um fator determinante tão essencial da posição de uma pessoa no Rio do século XIX, os escravos buscavam ser donos de escravos. Embora o senhor pudesse sempre reclamar para si mesmo um escravo comprado por seu escravo, um dono cooperativo deixava que o cativo comprasse outro cativo para seus propósitos, da mesma forma como deixaria comprar roupas, alimentos ou jóias. Os escravos compravam muitas vezes escravos para ajudá-los a obter sua própria liberdade, ou para trocá-los pela sua

pessoa. Essa troca de um escravo por outro fica especialmente evidente nos registros de alforria (ver capítulo 11).

Pessoas libertas também possuíam escravos. Os exemplos mais comuns dos registros de alforria ilustram que mulheres libertas, casadas com homens livres, ganhavam amiúde escravos. Tendo em vista que muitas eram identificadas como sendo viúvas, algumas tinham claramente herdado escravos de seus maridos. Outros grupos de libertas, como as lavadeiras e vendedoras ambulantes, compravam escravos para ajudá-las no trabalho. Libertos que eram negros de ganho, barbeiros e artífices também compravam e treinavam cativos para seguir sua profissão. Enquanto o tráfico negreiro continuou a manter relativamente baixo o preço de novos cativos importados, os libertos puderam comprar e ter escravos, mas depois de 1850, quando os preços subiram violentamente, a propriedade de escravos tornou-se mais difícil. Um outro fator que parece ter estimulado os libertos a possuir escravos é que enquanto continuava o tráfico africano, tinham a oportunidade de resgatar seu próprio povo de ser escravizado por brasileiros. Esse padrão é sugerido pelos registros de negros de ganho nos quais iorubas eram donos de outros iorubas. Segundo Vieira Fazenda, os libertos tinham um grande desejo de possuir escravos e preferiam mulatos. Em consequência, mulheres minas prósperas tinham cativos mulatos e quase brancos.⁸³

Embora o número de escravos e libertos que possuíam escravos fosse limitado, cada escrava ou liberta tentava ter jóias. Quanto mais jóias de ouro e prata possuía, maior sua riqueza e status. Deve-se suspeitar fortemente que muitos escravos e libertos que não podiam investir em outras formas de propriedade, como cativos e terras, acumulavam jóias. Os mais pobres tinham apenas colares de contas e braceletes, tornozeleiras e brincos de cobre, mas os mais prósperos colecionavam ornamentos de ouro e prata. Um comerciante britânico, advertindo seus superiores para que não mandassem mercadorias africanas malfeitas para o Brasil, escreveu sobre a riqueza dos negros brasileiros:

Os negros domésticos do Brasil só usam jóias de ouro puro, consistindo de colares, braceletes e correntes; e placas para a testa, peito e ombros, e crucifixos e imagens fundidas para pendurar nesses variados artigos. E os negros do campo e comerciantes usam somente jóias de materiais puros.⁸⁴

Embora os escravos sofressem limitações quanto a ter propriedades, terras e outros escravos, os libertos podiam ter seus negócios. Em 1843, fez-se um levanta-

mento dos donos de negócios e propriedades no Rio de Janeiro e suas paróquias rurais vizinhas.⁸⁵ Essa lista estabelece que havia 166 indivíduos nascidos na África (ex-escravos?) que tinham negócios ou propriedades na cidade. Porém, nenhum africano era proprietário nas zonas rurais. Uma vez que foi feito por nacionalidade, o registro revela também que somente os brasileiros, portugueses e franceses superavam os africanos em quantidade de proprietários. Até mesmo os ingleses eram em menor número. Enquanto grupo, os africanos eram aparentemente mais bem-sucedidos que outros estrangeiros na cidade. Mas eram mesmo?

Em primeiro lugar, os indivíduos nascidos na África eram mais numerosos no Rio que os outros estrangeiros (Censo de 1849, tabela 3.6). Tendo em vista a vantagem numérica, deveriam se sair melhor que os ingleses, que constituíam definitivamente uma minoria. Em segundo lugar, alguns africanos talvez fossem, na verdade, negros ou pardos que tivessem emigrado da África para o Rio como pessoas livres. Em terceiro lugar, os dados de uma paróquia urbana, a de Santa Rita, sugerem fortemente que a propriedade dos africanos se limitava quase inteiramente a dois tipos de pequenos negócios: barbearias e bancas de feira (chamadas quitandas).⁸⁶ Com efeito, é provável que a maioria das quitandas não passasse de uma pequena banca ou barraca. Outro tipo de negócio era o do liberto chamado Domingos, dono de uma estrebaria na paróquia de Sacramento, onde alugava animais. Ele mantivera seu negócio durante um bom tempo, de 1830 até pelo menos 1847. Talvez fosse ele a pessoa que Chernoviz se referiu dizendo que possuía “coche e cocheiro”.⁸⁷

Como esta breve discussão sugeriu, era possível aos africanos começar como escravos recém-importados e chegar a ser donos de escravos, de outras propriedades e de si mesmos. É importante lembrar, porém, que a incidência desse tipo de progresso era pequena em proporção ao total da população escrava. Somente uma pequena minoria de africanos conseguia entrar em negócios que, tendo pouco prestígio, eram evitados pelos brancos. Na melhor das hipóteses, a maioria poderia ascender a posições de supervisão sobre outros escravos e, pelo menos, possuir jóias. Uns poucos afortunados conseguiriam comprar a própria liberdade, mas tinham então de entrar para as fileiras das “classes inferiores”, que ganhavam a vida com trabalho braçal. Até mesmo negros livres raramente conseguiam se elevar ao nível da burguesia como comerciantes e proprietários. Por outro lado, era fácil para eles ganhar a vida graças aos bons salários pagos aos trabalhadores manuais.⁸⁸